



CRIANÇAS QUE DANÇAM, CRIANÇAS QUE LOUVAM: SABERES E PROCESSOS EDUCATIVOS PRESENTES NA MARUJADA DE TRACUATEUA/PA

CHILDREN WHO DANCE CHILDREN WHO PRAISE: KNOWLEDGE AND EDUCATIONAL PROCESSES PRESENT IN THE MARUJADA IN TRACUATEUA/PA

Dilma Oliveira da Silva
Secretaria Municipal de Educação de Tracuateua/PA
Nazaré Cristina Carvalho
Universidade do Estado do Pará-UEPA

Resumo

O estudo teve como objetivo analisar os saberes e os processos educativos vivenciados pelas crianças durante a Festa da Marujada no município de Tracuateua/PA. A problemática fomentada norteou-se pela seguinte pergunta: de que forma os saberes e os processos educativos são vivenciados pela criança na Festa da Marujada em Tracuateua/PA? Este estudo teve como intérpretes 16 (dezesesseis) crianças, sendo 10 (dez) meninas e 6 (seis) meninos, com faixa etária entre 6 (seis) e 12 (doze) anos de idade que participam da festa. O percurso metodológico foi caracterizado pela abordagem qualitativa com ênfase na etnometodologia. As técnicas de pesquisa utilizadas foram delimitadas por amostragem não probabilística como coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada, observação participante, rodas de conversa, diários de campo, registros fotográficos e a dinâmica com desenhos. Para a interpretação dos dados dessa pesquisa utilizou-se a análise do conteúdo. Dessa forma, partindo da diversidade de conhecimento construídos no cotidiano da marujada identificou-se saberes inerentes a festa, como: os saberes lúdicos, religiosos, saberes relacionados a organização e a hierarquia, saberes e da experiência, os quais são vivenciados e partilhados entre marujos e marujas em diferentes gerações por meio da escuta, da observação e da oralidade.

Palavras-chave: Cultura. Saberes. Marujada. Criança.

Abstract

The study had as objective to analyze the knowledge and educational processes experienced by the children during the Festival of Marujada in the municipality of Tracuateua / PA. The problem promoted was guided by the following question: How are the knowledge and educational processes experienced by the child at the Party of Marujada in Tracuateua / PA? This study had as interpreters 16 (sixteen) children, being 10 (ten) girls and 6 (six) boys, with ages between 6 (six) and 12 (twelve) years of age, who participate in the party. The methodological course was characterized by a qualitative approach with emphasis on ethnomethodology. The research techniques used were delimited by no probabilistic sampling such as data collection through semi-structured interviews, participant observation, talk wheels, field journals, photographic records and the dynamics with drawings. For the interpretation of the data of this research the content analysis was used. In this way, starting from the diversity of knowledge built in the daily life of the marujada, we identified the inherent knowledge of the party, such as: ludic, religious, knowledge related to organization and hierarchy, knowledge of experience, which are experienced and shared between sailors and in different generations through listening, observation and orality.

Keywords: Culture. Knowledge. Marujada. Child.



1. Introdução

As manifestações representadas a partir das culturas fortalecem e dão importância à relação das pessoas com suas heranças culturais. Dessa forma, as discussões em torno do termo cultura assumem uma principal função de olhar a diversidade cultural e social. Isso abre espaço para uma discussão e valorização em torno dos saberes que estão para além das diferentes manifestações culturais.

Para que esses saberes possam adentrar à ciência, é necessário fortalecer e compreender, através de estudos científicos, a história e as contribuições desses grupos sociais, em especial o que compõem a Marujada no município de Tracuateua, no estado do Pará, no sentido de destacar sua importância no meio social, uma vez que a cultura destaca o processo de criação humana e, por sua vez a educação.

A cultura, conforme Canclini (2003, p. 35), “abarca o conjunto de processos sociais de significação, ou melhor, o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. Não constitui, desse modo, nenhum tipo de erudição, educação, informação vasta ou refinamento. Não se restringe a grupos de maior ou menor influência social.

Assim, podemos dizer que a cultura é o referencial humano, que vale para os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, por meio das experiências e sistematizados pela forma de agir e ser, transformando assim o espaço de acordo com as necessidades e interesses de cada indivíduo. Ela está presente no espaço por meio das práticas sociais e no campo dos pertencimentos humanos (tradições, mitos, crenças, entre outros), nas manifestações que influenciam a construção do conhecimento social, político e cultural. Perante isso, a cultura é considerada dinâmica e vai norteando o desenvolvimento do homem, agindo como uma importante produção no espaço social.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Por essa visão cultural nos deparamos com inúmeras manifestações, as quais demonstram essas experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida, como as festas e danças, tais como as da Marujada. Dito isto, apresentamos a Festa da Marujada de Tracuateua/PA como um elemento significativo que expressa práticas sociais de um patrimônio vivo que marca o universo cultural dos saberes expressos em tal manifestação. A marujada “é um elemento da identidade; uma expressão que destaca os seus saberes como práticas que contribuem para as diferentes visões de mundo” (LOBATO, 2013, p. 16).

É por intermédio da festa, que os saberes da marujada são produzidos e transmitidos o que nos impulsiona a adentrar nesses saberes por meio da criança.

Nesse sentido, as manifestações culturais são representativas da voz social, pois para Carvalho (2007, 64), “uma forma subjetiva que o grupo de pessoas encontra para expor seu interior, é expressar o que pensam; o que desejam para realizar determinadas crenças”. Assim, tornou-se nosso objeto de estudo os saberes que perpassam a Marujada em Tracuateua/PA pelo olhar da criança.

Ponto que a criança é um sujeito dotado de imaginação, o que é fundamental para o seu desenvolvimento cultural e social, pois fazer pesquisa com crianças dentro de um contexto de representações de saberes simbólicos e religiosos, torna a pesquisa rica de significados oriundos da voz infantil.

Vygotsky (2009, p. 37) ao falar da imaginação da criança explica que a função da imaginação depende da experiência, das necessidades e dos interesses que se manifestam. Ressalta que a ação da “imaginação criadora revela-se e age de forma peculiar de acordo com o desenvolvimento e estágio em que a criança se encontra”. Esse fato que revela essas peculiaridades não torna a criança desprovida de saberes, mas a torna



diferente dos adultos no seu processo criador, uma vez que a imaginação depende do acúmulo de experiência.

Nesse aspecto, utilizamos Charlot (2000, p. 56-57) para discorrer sobre o sentido e significado dos saberes para a criança. “Significar é sempre significar algo a respeito do mundo para alguém ou com alguém. Tem significação o que tem sentido”, ou seja, que diz algo do mundo e se pode trocar com os outros.

Desta maneira, como relevância da pesquisa, buscamos possibilitar tanto o acúmulo teórico para a área de Educação, quanto uma possibilidade de intervenção através da pesquisa a partir da consciência mais ampliada e esclarecedora da sociedade sobre a importância de práticas culturais locais, mais especificamente os saberes e os processos educativos vivenciados pelas crianças na festa da marujada.

2. Festa da marujada: Características inerentes

A marujada é uma festa de caráter religioso que se faz presente em algumas partes do Brasil. No estado do Pará está presente nos municípios de Bragança, Tracuateua, Augusto Correa, Primavera e Quatipuru com algumas características semelhantes como os rituais das danças, a louvação aos santos e a indumentária, ou seja, as vestimentas, assim como existem aspectos que as diferenciam em seu significado que é constatado no estudo de Amorim (2008, p. 26).

Para Silva (1981) a Marujada de Bragança, como culto religioso, está ligada a Irmandade de São Benedito no Pará e é caracterizada como festa religiosa. Ela teria seu marco histórico e sua origem, no município de Bragança/PA, provavelmente “no século XVIII em 1798, com a permissão dos senhores brancos aos seus escravos para exaltar e apreciar São Benedito” (Silva, 1981, p. 32). Essa permissão dada aos escravos realizaria os seus rituais em louvor à São Benedito, formando assim a organização de uma

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



irmandade e a partir daí acontece a primeira festa e ocorre o primeiro compromisso com o Estatuto da referida irmandade.

A origem dessa festa é vinculada à um contexto histórico da colonização de grande concentração de quilombos que se estendiam de Bragança a Ourém, no estado do Pará. Desse contexto resultaram muitas manifestações de origens negras africanas, pois em Bragança e seus arredores concentravam atividades agrícolas o que proporcionou um fluxo de mão de obra de escravos para a região. É, portanto, neste cenário de inquietude e aflição entre senhores e escravos que surge a Festa da Marujada em Bragança/PA. Contexto no qual eram expressas grandes tensões entre senhores negros escravos, sendo a legalização da irmandade de São Benedito uma permissão e forma de controlar tais inquietudes entre os escravos no período colonial.

A Marujada é caracterizada como uma dança de caráter religioso, formada por homens e mulheres, chamados de marujos e marujas, que dançam em louvor ao Santo. Nesse sentido, Silva (1988), apresenta a Marujada como dimensão simbólica com ritual de dança apresentada na Festa de São Benedito como um momento que privilegia a construção da identidade de um grupo específico, no contexto cultural da festa e na sociedade em que esta manifestação está presente.

Ao eleger os saberes da marujada de Tracuateua/PA como objeto de estudo desta pesquisa é necessário compreender a origem e a dimensão da marujada de Bragança para entender como se iniciou essa manifestação em Tracuateua/PA.

Sobre a origem da Marujada de Tracuateua, nos informou o presidente da Associação de São Benedito e São Sebastião de Tracuateua (AMSSSBT) e vice capitão da marujada (Sr. José Nazareno Silva), que nesse município, essa festa foi fundada em junho de 1946, pelo vereador e comerciante, José Olegário Pinheiro, conhecido como José Maranhense. O mesmo apreciava muito essa festa e solicitou ao presidente da Irmandade



de Bragança, que fosse permitido uma apresentação no ano de 1946 na vila de Tracuateua. Com o pedido concedido, a comunidade de Tracuateua, recebeu pela primeira vez uma apresentação dos marujos e marujas de Bragança.

No entanto, no ano seguinte, a Irmandade de Bragança não enviou seus Marujos e Marujas para outra apresentação, sob alegação de falta de recursos, foi então que a comunidade tracuateuense decidiu formar e fundar sua própria Festa da Marujada nos mesmos moldes da apresentação Bragantina com devoção a São Benedito e São Sebastião. Esse último faz parte da Festividade porque é Santo Padroeiro do Município de Tracuateua. E assim se realiza no município as homenagens a São Benedito e São Sebastião nos dias 19 e 20 de janeiro.

Dentre os principais rituais da marujada está o da dança, onde os marujos e marujas dançam ao som de instrumentos tais como: rabeca, violino, pandeiro, cuíca (onça), tambor, banjo e triangulo. Estes instrumentos orientam o ritmo das danças como: a roda, o retumbão, o chorado, a mazurca, o xote, dentre outros ritmos. Assim como as danças a marujada tem ainda como ritual a procissão em louvor aos santos, o almoço oferecido pelos juízes da festa, a levantação e a derrubação dos mastros. Todos esses ritos estão presentes na festa que caracterizam a existência de diversos saberes, que são compartilhados entre os participantes dessa manifestação cultural.

3. Decisão metodológica

A Pesquisa foi desenvolvida através da acepção da etnometodologia, a partir de uma pesquisa qualitativa do tipo participante, para que fosse possível analisar o “raciocínio prático baseado nos traços culturais, as normas, o sistema de crenças, os costumes, as tradições, os hábitos e os padrões culturais dos grupos, dos quais participam os sujeitos estudados”. (MELO, 2007, p. 07), tendo como ponto de partida a apropriação das vivências das crianças na festa da marujada.



Os sujeitos da pesquisa foram 16 (dezesseis) crianças, com idades entre 6 e 12 anos, todas participantes da festa da marujada, realizada na cidade de Tracuateua, estado do Pará. Nesta pesquisa, foram utilizados como técnica de coleta de dados a observação participante e as rodas de conversa. Também foram utilizados registros escritos através do diário de bordo e fotográficos. A aplicação dessas técnicas ocorreu no período de realização de duas festas, nos anos de 2016 e 2017, durante os dias que acontecem a referida manifestação, sempre no mês de janeiro de cada ano.

Para a sistematização e análise dos dados da pesquisa utilizou-se a análise de Conteúdo que “atua sobre a fala [...]. Ela descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras” (SEVERINO, 2007, p. 122). Respeitando o que diz essa técnica, procuramos analisar o entendimento das crianças sobre a festa, tentando mostrar os saberes e os seus significados.

Na visão de Oliveira e Mota-Neto (2011) a análise de conteúdo pode ser definida a partir de duas categoriais de análises, as analíticas e as temáticas. Os autores esclarecem que categorizar uma pesquisa possibilita a organização dos aspectos diversificados dos dados em unidades e, a partir dessa organização a interpretação se torna mais fácil de ser entendida.

À vista disso, as categorias temáticas constituem uma forma de deixar claro os conceitos e fundamentar o estudo na organização das análises da pesquisa. Para a organização do *corpus* e análise optei por apresentar seis principais categorias analíticas que mais apareceram nas falas das crianças e que se fazem necessárias para a compreensão do estudo em questão, tais como:

- Marujada e criança: qual a relação da criança com a festa, como dança, porque dança;



- *Marujada e o sentido da festa*: o que significa a marujada; quanto tempo se dança na festa;

- *Marujada e ludicidade*: o que se faz na festa; além da dança, o brinquedo e a brincadeira estão presentes na festa;

- *Marujada e Religiosidade*: existem rezas e orações na festa, porque rezam, para quem rezam;

- *Marujada e promessa*: motivações na participação da festa; porque prometem e qual a promessa;

- *Marujada e saberes*: o que se aprende e como se aprende no cotidiano da festa.

4. Os resultados

Nesse item apresentamos uma educação considerando que os processos educativos a serem analisados se desenvolvem, articuladamente, pelas práticas sociais cotidianas da festa, pois de acordo com Brandão (2007) em todo lugar onde exista *saber* existem formas diferenciadas de *ensinar*, e para isso é necessária articulação do desenvolvimento e transmissão desses saberes. Para esse autor “tudo que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber existe também como algum modo de ensinar. Mesmo onde ainda não criaram a escola”, os homens desenvolvem estratégias e metodologias para ensinar e construir práticas educativas (BRANDÃO, 2007, p. 22-23). Isso pode ser percebido pela voz dos intérpretes Rafael, Nicole e Maria Guilhermina ao dialogarem:

A marujada ensina dançar, brincar, rezar, respeitar. Eu aprendo isso também (RAFAEL, 11 anos de idade, Roda de conversa, 2016).

Meu avô também ensina as crianças na marujada a dançar (NICOLE, 09 anos de idade).

Eu aprendi a dançara na marujada, também aprendi a não ter vergonha de dançar (MARIA GUILHERMINA, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Santos (2010) em seus estudos sobre “Epistemologias do Sul” faz críticas ao modelo de educação que nega a diversidade cultural e os saberes construídos cotidianamente entre homens e mulheres. O autor critica esse modelo epistemológico que exclui e segrega os saberes e coloca que no ocidente há uma predominância de pensamento que considera “abissal”, pois esse pensamento cria “linhas divisórias invisíveis” entre os saberes que são produzidos por diferentes grupos humanos. Em outras palavras, o autor não aprecia esse referencial de ciência que invalida a diversidade de saberes. Sobre isso Santos explica:

O outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjectivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objectos ou matéria-prima para a inquirição científica (SANTOS, 2010, p. 27).

Dessa forma, compreendemos a existência de conhecimento nas falas anteriores dos intérpretes Rafael, Nicole e Maria Guilhermina, as quais representam essa diversidade, pois nessas falas percebemos uma aprendizagem que elas vivenciam, isto é, elas informam exatamente o que conseguem aprender nessa festividade e, se há aprendizagem há também uma construção e circulação de saberes que se enquadram no pensamento pós-abissal defendido por Santos (2010).

Assim sendo, é necessário percorrer por uma teoria e conhecimento que compreenda a existência de diversos saberes, seja ele científico ou do senso comum, e que reconheça que não há uma única forma de aprender ou de ensinar. A construção dos saberes e os processos educativos podem ser desenvolvidos e compartilhados em diferentes vivências e lugares por homens e mulheres em sua relação com os outros e com o mundo.

Brandão (2002, p. 09) destaca que “não há uma única forma, nem um único modelo de educação, a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



o melhor; o ensino não é sua única prática e o professor não é seu único praticante”. A educação para o autor é uma maneira do modo de vidas dos diversos grupos sociais que criam e recriam formando sua cultura. Sendo assim, a educação também pode ser encontrada nos diversos saberes populares perpassando por um processo de ensino e aprendizagem, os quais são também encontrados no cotidiano da marujada, pois:

*A marujada representa a cultura de Tracuateua, aquilo que o povo gosta de fazer (NICOLE, 09 anos de idade, roda de conversa, 2016).
Na marujada a gente dança e louva os santos (JÚLIO, 09 anos, roda de conversa, 2016).*

A partir dessas falas entende-se que a manifestação cultural da marujada é a maneira que as pessoas defendem e vivem àquilo que acreditam, ou seja, a compreensão que elas têm do meio, pois dançar e louvar ao santo é uma forma simbólica de acreditar em algo. Assim, Brandão (2002) e Loureiro (1989) apresentam uma concepção de educação que está ligada ao saber e fazer dos homens, isto é, a educação para esses autores é uma parte da cultura e esta, por sua vez, é uma criação humana que pode ser apresentada de diferentes formas em diferentes lugares.

Os saberes da experiência, como os produzidos nas relações cotidianas da Marujada, posto que não se enquadram nos paradigmas modernos e dominantes, por se encontrarem no ambiente fora da escola (Santos, 2007), carecem, contudo, de uma base epistemológica que possibilite a compreensão de suas especificidades, bem como as relações que estabelecem com outros saberes, principalmente aqueles situados no âmbito científico.

Essa valorização da diversidade de saberes não precisa passar pelo estabelecimento de uma igualdade epistemológica entre os diferentes discursos, almejando dizer qual é o falso ou o verdadeiro, mas é necessário compreender quais mecanismos intrínsecos estão nesses diferentes espaços educativos que produzem o conhecimento. Isso nos permite entender que a educação acontece e está presente nas



diversas ações humanas e em suas convivências sociais, visto que “tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência” e, assim o saber se desenvolve “pelos atos de quem sabe e faz, para quem não sabe-e-aprende”. (BRANDÃO, 2007, 18-17). Esse aspecto do saber-fazer e fazer-aprender pode ser entendido pela intérprete Rafaela (12 anos de idade) ao descrever com quem aprendeu a dançar na marujada.

Eu aprendi a dançar com a minha avó. Ela sabe e me ensinou, porque eu tinha que dançar para pagar minha promessa (RAFAELA, 12 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Dessa forma, compreendemos que as crianças que dançam vivenciam essa troca de saberes que estão imersos nessa relação de saber-fazer e saber-aprender. Por meio dessa compressão foi possível observar os diversos saberes que são compartilhados no contexto desta festividade e a partir deles pode-se visualizar uma troca de conhecimento que se encaminham para um processo educativo.

É nesta perspectiva de educação não formal que se baseia as análises sobre os saberes e processos educativos inseridos na festa da marujada, reconhecendo que essa festa é um espaço que educa. A partir dessas concepções descreve-se alguns saberes nos rituais dessa festa revelados e protagonizados pelas crianças, intérpretes deste estudo, e em seguida analisa-se o tipo de educação que está relacionada com esses saberes, os quais serão explanados a seguir:

3.1 Saberes Lúdicos: a dança, o brinquedo e a brincadeira

A dança é um elemento fundamental na festa da marujada, assim esse saber está presente de forma marcante nessa manifestação cultural. Para participar dessa festa como marujo ou maruja é necessário saber dançar. Os saberes oriundos da dança, perfazem todo o aprendizado para os movimentos corporais que se apresentam nos diferentes ritmos. Ao

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



perguntar as crianças se todos os marujos e marujas precisam saber dançar para participar da festa, as respostas foram as seguintes:

Sim. Tem que saber dançar senão, não participa. Porque aí vai ficar só vendo (NICOLE, 09 anos de idade, roda de conversa, 2016).

É tem que saber. Eu sei dançar (MATEUS, 06 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Todos dançam. Eu também sei dançar. Foi bem fácil aprender (DEBORA, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Sei dançar também. Quem não sabe tem que ficar olhando e depois pede para alguém ensinar, ora! Sei dançar a contradança. Essa é a mais fácil (risos). Sei dançar também o retumbão. Mas as vezes eu tenho vergonha, porque todo mundo fica olhando (risos) (RAFAEL, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Há” quem não sabe dançar a contradança? É a mais fácil! Eu também danço essa (CATARINA, 08 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Eu gosto de dançar a roda é muito fácil. Mais eu aprendi dançar o retumbão, porque é o da dança mesmo. Quando a gente aprende é muito legal (MARIA GUILHERMINA, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Com base nessas respostas voltei a perguntar como elas aprendem e quem as ensina a dançar, e elas responderam o seguinte:

Olhando e dançando professora! (MARIA GUILHERMINA, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Vendo! (CATARINA, 08 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Ah! Eu também fiquei olhando e aprendi. Eu até já ensinei minha irmãzinha. Mais tem que saber muita coisa, professora (NICOLE, 09 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Quem me ensinou foi o Rodolfo. Porque eu ficava vendo ele dançar. Ele dança legal (MATEUS, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Eu também fico olhando. Mais eu já sei dançar quase todos (DEBORA, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Nota-se nessas falas que a prática da dança deve ser desenvolvida para que os rituais possam ser apresentados, ou seja, os marujos e marujas que participam dessa festa devem aprender os diversos ritmos praticados na festa. As crianças destacam que é



preciso observar os movimentos apresentados nos rituais da marujada para depois demonstrarem suas habilidades corporais e desenvolver os gestos aprendidos, considerando os ensinamentos repassados pelos marujos e marujas mais velhos (pais, avós, parentes, amigos e tios). Como mostra a fala das crianças abaixo:

Quando não aprende a dançar pode pedir para o capitão que ele ensina. Mas ele fica só olhando a gente (GRAZIELA, 08 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Quando eu não sabia eu pedi para minha prima. Ela me ensinava lá trás do salão. Eu tinha vergonha (risos) (DEBORAH, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

A marujada ensina a gente dançar (MARIA GUILHERMINA, 11 anos de idade, roda de conversa, 2016).

É perceptível nas falas dessas crianças, que é possível aprender as habilidades da dança através da observação e comunicação, pois para elas a aprendizagem se deu por meio das orientações de outros marujos, pela observação, pelo olhar. O saber da dança passa pelo seguinte processo: primeiro, se escuta o estilo e o ritmo, em seguida é preciso passar um tempo observando os outros dançarem, e depois se deve colocar em prática os passos e movimentos, visto que cada dança é composta por movimentos e ritmos diferentes, uns mais lentos e graciosos e outros mais acelerados e divertidos e, isso requer muita atenção dos marujos e marujas, pois a dança segundo Carvalho (2014) é:

Uma das linguagens do corpo, uma forma de expressão, além de ser também uma celebração; celebração da vida. [...] é a própria liberação das raízes culturais através do corpo, que se entrega aos apelos da batida do tambor e da música, presente na memória de cada um de nós, pois dançar [...] é um dos modos de ser paraense (CARVALHO, 2014, p. 08).

Assim, se considera que essa prática da dança é composta por momentos e procedimentos interligados, uma vez que saber dançar na marujada precisa estar em sintonia com o ritmo das músicas e desenvolver passos e gestos em conjunto. Nesse caso, os saberes que se apresentam nesse ritual, estão relacionados à uma educação do sensível, por estar relacionada a arte, especificamente pela dança. Essa educação desenvolve uma



aprendizagem onde os participantes da festa buscam mecanismos diversos para aprender a dançar e se inserir na festa, isto é, eles desenvolvem processos educativos que potencializam seu ato de aprender.

Com isso dialogamos com Brandão (2007, p. 03), quando este afirma que a aprendizagem pode ocorrer em diversos espaços, ao se relacionar com o outro. “Todos os dias misturamos a vida com a educação” e na vida passamos a aprender e a ensinar, para isso basta que o sujeito possa manter e desenvolver uma relação de transmissão e compartilhamento de saberes.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender - e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida (BRANDÃO, 2007, p. 03).

Vygotsky (1991) explica que as crianças aprendem a partir de seus conceitos espontâneos, estes desenvolvidos a partir de suas relações e suas vivências. A brincadeira contribui para o desenvolvimento na medida em que é capaz de impulsionar a criança a realizar coisas que ainda não é capaz de fazer, envolvendo-se em graus maiores de consciência das regras de conduta, antecipando e elaborando situações que ainda não está preparada para realizar na vida real. Dessa forma, para Vygotsky (1991), o aprendizado está inter-relacionado em todas as atividades que a criança desenvolve em sua vida, inclusive aquelas desenvolvidas por meio da ludicidade.

Os saberes lúdicos também estão ligados ao brinquedo e a brincadeira, em razão de que estes se fazem presentes nas relações dos sujeitos pertencentes a marujada e, principalmente das crianças, uma vez que a festa, também tem um sentido de diversão e nessa diversão, estão inseridos os brinquedos que elas doam e recebem e, as brincadeiras que elas criam no decorrer e no interior da festa. Sobre esses saberes apresento um trecho

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



de uma conversa em que as crianças falam sobre as brincadeiras que realizam no decorrer da festa:

***Zitinha:** Eu gosto de dançar e correr. Ah, de “pira” também professora!*

***Victor:** De se divertir! De “pega – pega”!*

***Nicole:** Graziela: De dançar! Gosto dos brinquedos também que a gente deu e ganha no final.*

***Maria Guilhermina:** De dançar! Eu nunca ganho brinquedo, porque é mais para as criancinhas. Sempre é só boneca, carrinho, panelinha [...]. Ai a gente brinca de “Adoletá”. [...] É assim professora: Agente forma uma roda, junta as mãos e ai vai batendo nas mãos das meninas e vai cantando a música. Quando terminar a música apanhou o tapa na mão por último perde.*

***Rafael:** Também de dançar! Tem vez que a gente brinca quem dança mais.*

***Júlia:** Quando canta o carimbó a gente vai tudo para o salão e dança muito. Até cansar.*

***Rafaela:** Eu adoro dançar! As vezes a gente brinca de cantar os instrumentos para nós dançar.*

***Maísa:** A gente brinca mais quando não tem ritual. Ai a gente fica brincando e treinando para não errar na hora. (risos)*

Dançar na marujada para a criança se constitui em uma grande brincadeira, isso fica claro na maioria das vozes dos intérpretes. O brinquedo e a brincadeira presentes nos saberes lúdicos da marujada, são elementos que fortalecem as relações das crianças com elas próprias, com os outros e com a festa. Percebe-se que as crianças, além de se inserirem nos rituais, elas se organizam no espaço de acordo com suas vontades de brincar, e os brinquedos que enfeitam os mastros, são essenciais à medida que o interesse em os receber se faz presente.

Para as crianças, os rituais assumem o caráter de brincadeira, o que não quer dizer que elas não os vejam com seriedade e respeito.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



A brincadeira por meio da “dança”, da “pira”, da “adoletá”, de pega-pega e do “correr livremente no salão” entre elas, aconteciam sem que fosse necessária qualquer organização inicial ou ingerência dos adultos, a brincadeira fluía espontaneamente. Essas atividades lúdicas presentes na marujada fazem com que a criança se integre com mais facilidade ao meio e com os marujos adultos, o que enriquece o empenho na participação desses sujeitos nos rituais, uma vez que esses saberes lúdicos favorecem uma ação livre e prazerosa de aprender. Nesse caso a aprendizagem se relaciona com o que chamamos de educação pela ludicidade.

Essa educação encontrada no brinquedo e na brincadeira uma maneira espontânea de aprender e olhar o mundo. Sobre a presença da ludicidade no ato de aprender Luckesi (2000, p.21) explica que a brincadeira faz com que a criança chegue até o centro de si mesma, pois “para a sua confiança interna e externa; não é, também, difícil, coisa tão especial estimulá-la à ação, como também ao pensar”.

Assim, como Luckesi (2000), Callois (1990) nos auxilia quando observa que os atos lúdicos devem ser considerados como importantes instrumentos da cultura de um povo e de uma sociedade, pois através deles muito se pode descobrir sobre os próprios hábitos cotidianos e sobre as estruturas de base da própria sociedade que se estuda.

Existe um detalhe importante na voz de Maísa quando diz que brinca quando não tem ritual e aproveita para treinar. Sua fala esclarece justamente o que Carlos Luckesi (2000) nos diz sobre a importância do lúdico nas atividades comuns, uma vez que para ele é um mecanismo indispensável para compreender diferentes realidades sociais. Dessa forma, Carvalho (2011) enfatiza, que por meio da ludicidade “muitas verdades podem ser ditas” e que por meio delas podem ser vividas diversas experiências. Desse modo, ao “brincar de ritual” a criança está desenvolvendo as mesmas atividades ritualísticas da festa de forma lúdica através da brincadeira.



Percebe-se que quando Rafael e Júlia afirmam que gostam de “brincar de dançar”, fica evidente que a dança ganha sentido e significado por meio da ludicidade, pois Vygotsky (1991) considera que a criança se desenvolve essencialmente por meio da atividade do brinquedo. Transformações internas no desenvolvimento da criança, como o simbolismo e a capacidade de representar e de abstrair, surgem a partir das situações de brincadeiras.

5.2 Saberes Religiosos

Outro saber a ser considerado no cotidiano da festa da marujada, pelo olhar da criança, concerne aos saberes religiosos. Estes são formas de conhecimento inserido na festa que se manifestam pelas orações como o “Pai Nosso”, a “Ave Maria” e as Ladainhas, pois cada um, a seu modo, desvenda os segredos do mundo, explicando-o ou atribuindo-lhe um sentido. Expressaremos mais de perto, pelo olhar dos nossos intérpretes, cada uma dessas formas religiosas de conhecimento e como eles são compartilhados entre os marujos e marujas, visto que ao perguntar às crianças além da dança o que elas também aprendem na marujada, forma dadas as seguintes respostas:

Quadro 06: Respostas das Crianças sobre o que elas aprendem na marujada

Intérpretes	Falas das Crianças
Zitinha	<i>Dançar.</i>
Victor	<i>Brincar.</i>
Nicole	<i>Rezar também professora.</i>
Graziela	<i>É! A gente reza muito. Sempre depois de comer a gente tem que rezar.</i>
Rafael	<i>Dançar, rezar, os passos da dança. Ah, várias coisas.</i>
Vitor	<i>Dançar.</i>
Mateus	<i>Dançar.</i>
Maria Guilhermina	<i>E aprendo dançar também, rezar. Respeitar também.</i>
Raiana	<i>Dançar.</i>
Maísa	<i>Dançar.</i>
Débora	<i>A gente aprende dançar, rezar.</i>

Fonte: Elaboração da Pesquisadora – Janeiro/2016

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Esses saberes religiosos inseridos na marujada, fazem parte dos rituais vivenciados por diferentes gerações durante todos os anos de realização dessa festividade. Cada marujo e maruja que vai participar da marujada é convidado a aprender as orações que serão compartilhadas sempre no início da festa. No início dos ensaios e no decorrer da festa é rezado sempre um “Pai Nosso”, como forma de agradecer a dádiva da vida e a realização de mais uma festa. Outro momento em que estão inscritos esses saberes religiosos são sempre depois das refeições (almoço e jantar), em que todos os participantes da festa (incluindo os juízes), se reúnem para rezar a ladainha em homenagem aos santos São Sebastião e São Benedito.

Para além do rezar, foi possível também observar que entre os saberes religiosos encontra-se a promessa, visto que a prática da promessa significa a fé dos participantes e o agradecimento por uma graça alcançada. Para visualizarmos melhor essa prática da promessa retomamos as falas das crianças ao se referirem a sua participação na marujada:

Eu danço porque eu gosto, e porque eu também pago promessa” (NICOLE, 08 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Eu danço porque eu ia morrendo. [...] o santo da fraldinha [...] que tirou o apito. Ele foi me visitar no hospital. Aí minha vó fez uma promessa para ele (GRAZIELA, 08 anos de idade, roda de conversa, 2016).

Dessa forma, se percebe na voz das crianças que o rezar e a promessa fazem parte dos muitos momentos de aprendizagem que circulam na festa. O processo pelo qual elas assimilam esses conhecimentos, normalmente se dá pela observação e pela escuta dos mais velhos. Isso nos permite analisar, que esses saberes religiosos podem estar associados a uma educação religiosa, ancorados na religiosidade da família e do meio em que vive.

Esses saberes religiosos presentes são repassados pela oralidade durante os rituais da festa, uma vez que as orações (rezas e ladainhas) são expressas por meio da



fala, partilhadas entre os participantes. Sobre isso Oliveira (2008, p. 34) diz que “em espaços religiosos [...] a transmissão dos saberes, das tradições [...] é disseminada por meio da oralidade”.

As crianças que participam dessa manifestação cultural, estão imersas no espaço de aprendizagem que circula e desenvolve saberes e processos educativos. Brandão (2010, p. 28) informa que nas festas “acontecem situações de trocas entre pessoas de símbolos e sentidos, que a vida sabe, a fé relembra, a cultura escreve e a festa canta, dança e diz a quem venha ver ou ouvir”. Pois na marujada as crianças também aprendem o respeito pela religião e pela fé, sendo esta última o elemento fundamental das promessas.

5.3 Saber relacionado a organização e a hierarquia

Segundo o estatuto da Marujada de Tracuateua/PA o grupo será regido por uma hierarquia, onde todos os rituais devem ser iniciados somente pelo capitão, capitoa, vice-capitão ou vice-capitoa. Dessa forma percebemos que a existência hierárquica entre os participantes serve para organizar o início e o final dos rituais da dança, realizar a prática do enlaçamento que acontece quando o capitão no ato da dança do retumbão demora a estender a mão para a capitoa, assim como servem para controlar a permanência dos marujos no salão. Isso pode ser observado no próprio estatuto da marujada e na voz de Nicole e Maria Guilhermina:

Art. 35: O capitão só poderá ser laçado pela capitoa, e está só poderá enlaçar o capitão.

Art. 36: Os marujos e marujas só poderão deixar o salão com a permissão do capitão e ou da capitoa.

Nicole: Tem ritual que as crianças nem dançam [...] Porque tem que deixar os mais velhos dançar. Tem que esperar

Maria Guilhermina: Tem que ficar olhando e esperando o capitão deixar.



Esse saber relacionado a hierarquia pode ser percebido na própria estrutura da marujada a qual apresenta uma ordem hierárquica das personagens, estando assim organizada:

1 - *Capitão*: é a principal figura da marujada, é ela quem comanda, organiza e disciplina a realização das várias etapas do ritual e também dos demais rituais que compõem a Marujada; sendo que este é um cargo vitalício;

2 - *Vice Capitão*: é a segunda na linha de comando das danças;

3 - *Cabeça de linha*: inicia a dança da roda quando a capitão e a vice-capitão se ausentam;

4 - *Marujas*: são as mulheres que possuem um papel importante na execução da dança;

5 - *Marujos*: exercem um papel secundário como acompanhantes ou tocadores dos instrumentos.

Diante dessas falas e da própria estrutura hierárquica que compõem a marujada, compreende-se que esse saber revela as regras e disciplinas que compõem o espaço da marujada, pois as crianças aprendem que nesse grupo existe uma ordem de prioridades, seguida de uma escala da importância dos mais velhos, as atribuições de cada um dentro do grupo, principalmente dos líderes desse grupo.

Sobre essa hierarquia que se estabelece nos grupos culturais, Brandão (2002, p. 152), afirma que “as agências culturais de trabalho religioso envolvem hierarquias, distribuição desigual do poder, inclusões e exclusões, rotinas, programas de formação de formação seriada de pessoal e diferentes estilos de trabalhos cotidianos.”

Nesse contexto podemos falar também da organização que está presente nas distribuições de tarefas entre os membros e demais participantes da marujada. Por meio da conversa e do diálogo se realiza a distribuição de tarefas para o acontecer da festa. Ficando as tarefas assim distribuídas: a) o capitão e a capitão organizam os ensaios e



danças; b) o presidente e o vice-presidente da associação ficam encarregados de organizar a infraestrutura da festa (como o som, leilão e outros); aos juízes fica a atribuição de servir alimento, a ornamentação do salão e a arrumação dos mastros, os demais marujos e marujas de cuidar da limpeza e outros cuidados que a festa exige.

Esse aspecto da organização fica claro na fala de Rafael (11 anos de idade) e Guilherme (11 anos de idade) quando perguntei quem arruma ou organiza a festa, e as respostas deles foi bem clara que existem várias pessoas, mas que os juízes se encarregam pelo almoço e jantar e o capitão e capitoa de organizar as danças da marujada.

Desse modo entendemos que tais saberes estão associados a uma educação pela colaboração e organização, visto que a aprendizagem nessa educação trabalha a organização pela hierarquia e a realização de tarefas para o desenvolvimento e realização da festa.

Isso nos leva a compreensão que na cultura da marujada se estabelecem relações de aprendizagens no seu cotidiano e entre seus sujeitos, pois Geertz (2012) defende em que o ser humano é reconhecido como criadores das suas práticas as quais sempre atribui significados, onde a cultura de um povo passa a ser compreendida, principalmente, de maneira a perceber as bases conceituais vinculadas à questão interpretativa desses significados, isto é, reconhecer o sentido e o significado de cada prática para os homens. E assim, “para obter a informação no sentido de agir, fomos forçados a depender cada vez mais de fontes culturais”, onde os símbolos são os pré-requisitos do homem para construir os significados importantes para sua vida” (GEERTZ, 2012, p. 36).

5.4 Saberes da Experiência

Os saberes da experiência na marujada estão associados as relações de convivência entre os marujos e marujas que participam da festa. A relação de convívio com o outro na festa da marujada, nos leva a fazer uma análise sobre o respeito pelo outro, isto é, o respeito pelos mais velhos e pela experiência que eles apresentam na convivência

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



com os demais participantes do grupo. Isto é, respeitar também faz parte da convivência dos sujeitos da marujada. Isto está presente na fala de duas crianças ao expressarem o seguinte:

Nicole: Às vezes a gente não dança logo porque tem que dar a vez para as marujas mais velhas.

Rafael: tem que dançar com as marujas mais velhas. Se não dançar o capitão fala para nós. Ele briga! (risos). Mais elas são legal.

Esse saber revelado pelos intérpretes nos permite compreender que a marujada é um espaço onde é expresso um sentimento bom pelo outro, pelas qualidades e por uma relação fraterna com os mais velhos do grupo, estes oriundos da experiência e socialização daquilo que sabem fazer e, outro vindo da relação de amizade construída entre eles e elas, pois essas relações fraternas acontecem a partir dessa festa o que consolida a convivência entre pessoas, no espaço que também é destinado a outros elementos.

Essa relação da convivência é uma prática no grupo onde olhar o outro, principalmente os mais velhos, destaca uma relação daquilo que é valoroso no outro e por isso deve ser reconhecido, isto é, o saber reconhecer está presente nesse momento da festa. Podemos assim relacionar com que nos diz Brandão (2002) ao dizer que nas interações com o meio e com o outro, trocamos saberes os quais vão se aperfeiçoando e educando mutuamente.

Durante [...] a história social da humanidade a prática pedagógica existiu [...], mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois, de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção. Ali os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem (BRANDÃO, 2006, p.10).

Este processo educativo da aprendizagem de valores por meio da prática da socialização, da convivência, do respeito, possibilita as crianças da marujada constituírem



uma relação de bem-estar com o outro, que compartilham com outras crianças perpetuando no seu dia a dia e em outras gerações.

Desse modo, perceber e reconhecer essas relações de saberes, que perpassam nas festas, Brandão (2010, p. 27) ao descrever que a festa é um lugar que está presente o afeto de ser e reconhecer o outro, pois “as pessoas trocam entre si afetos e sentimentos, onde [...] gestos, palavras e símbolos possam dizer uns aos outros quem somos e por quê somos”. Considerando o que diz Brandão (2007), Geertz (2012) e Thompson (1995), que as relações de aprendizagens acontecem no contexto de cada cultura, uma vez que o conhecimento não está desvinculado dos contextos de cada grupo e neles estão inseridos processos específicos de aprendizagem, esses são os saberes que estão no cotidiano da marujada, os quais foram revelados pelas crianças intérpretes desse estudo.

Compreender a educação, os saberes e seus significados na lógica desses autores é entender o verdadeiro sentido da educação, pois percebemos que a circularidade desses saberes na marujada caracteriza-se pelo saber fazer e aprender desse grupo cultural.

Para apresentar de forma sistematizada os saberes presentes na marujada e sua relação com os processos educativos destacaremos no quadro abaixo os saberes, os processos de circulação pelo qual eles passam e o tipo de educação que eles estão relacionados.

QUADRO 07: Sistematização dos saberes presentes na marujada de Tracuateua/PA

SABERES REVELADOS PELAS CRIANÇAS	COMO O SABER É COMPARTILHADO	PROCESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVOS	TIPO DE EDUCAÇÃO QUE O SABER ESTÁ ASSOCIADO
- Saberes Lúdicos	- Prática; - Treinamento; - Repetição;	- Brinquedo; - Brincadeiras; - Danças (repetição dos passos);	- Educação pela Ludicidade e pelo sensível.
	- Escuta;	- Rezas;	-Educação Religiosa

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



- Saberes Religiosos	- Orientação; - Observação;	- Ladainhas; - Promessas;	
-Saberes da Organização e da Hierarquia	- Orientação Coletiva; - Diálogo; - Conversa;	- Divisão de tarefas entre os marujos e marujas; - Prioridade dos líderes e dos mais velhos nas apresentações.;	- Educação pela Colaboração e Organização
-Saberes da Experiência	- Orientação; - Diálogo; - Respeito;	- Respeitar e reconhecer a experiência dos mais velhos do grupo.	- Educação pela valorização do respeito

Fonte: Elaboração da Pesquisadora - 2016

Mediante a explanação dos saberes, compreende-se que as práticas desenvolvidas evidenciam, por meio da vivência dos sujeitos do grupo, processos educativos que possibilitam a existência de uma educação não formal. E a manifestação dessas práticas educativas é refletida nos saberes que as crianças adquirem, à medida que participam dessa vivência cultural da marujada, pois como nos informou Nicole (09 anos de idade) e Rafael (11 anos de idade), ao perguntar o significado da marujada para eles:

Nicole: A marujada significa para mim a cultura de Tracuateua, aquilo que a gente gosta de fazer. Eu acredito na marujada.

Rafael: Significa uma festa, uma tradição. A festa que faz homenagem a São Benedito e São Sebastião.

Com base nesses ensinamentos vivenciados, identificamos os referidos saberes como: *lúdicos, religiosos, da organização e da hierarquia, e da experiência* aos quais estão relacionados em diferentes tipos de educação tais como: *educação pela ludicidade, pela religião, pela colaboração e organização, e pela valorização do respeito*. A presença e a organização desses saberes nos permitem reconhecer que essa manifestação cultural da marujada desenvolve uma aprendizagem e, conseqüentemente educa o sujeito independentemente do lugar e da condição social.



Algumas considerações

As concepções teóricas levantadas e construídas nesta pesquisa nos possibilitaram buscar novas compreensões sobre a construção científica. Essas concepções tornaram-se essenciais para a compreensão de que uma pesquisa não se faz só, mas ela é o resultado de uma construção coletiva para aquilo que se propõem apresentar. Desse modo, este trabalho foi desenvolvido com as crianças participantes da marujada de Tracuateua, que demonstraram as suas relações com os saberes que estão inscritos no contexto dessa festa

De modo geral, foi possível perceber que as crianças que participam dessa manifestação cultural aprendem e essa aprendizagem é desenvolvida por meio da escuta, do fazer, do compartilhar com o outro e pela própria vivência no grupo. São aprendizagens que se desenvolvem por meio de processos educativos, os quais decorrem da produção e da circulação dos saberes. Nesse sentido os saberes lúdicos, como a dança são normalmente, repassados pelos mais velhos para as crianças, da mesma forma que os saberes religiosos, da organização e da experiência são orientados pelos marujos e marujas mais velho(a)s. As regras da organização dos rituais e da própria festa, embora, muitas, não estejam documentadas acontecem progressivamente, onde as crianças conseguem acompanhar e interagir em todas as atividades dessa manifestação, isto é, sabem exatamente o que fazer.

Pesquisar e revelar os saberes e os processos educativos que perpassam a marujada de Tracuateua, sua importância e sua significação pela voz da criança, foi compreender que essa educação desenvolvida no cotidiano da festa é resultado do conhecimento adquirido e transmitido por diferentes gerações, assim como é fruto da convivência onde a experiência é compartilhada entre marujos e marujas, e que pode ser caracterizado como um procedimento de criação e recriação de saberes que precisam ser analisados e legitimados pela ciência no contexto educacional.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Enfim, é nesse contexto social, cultural e educacional que se encontram as “crianças que dançam e que louvam”, sujeitos esses que desvelaram para essa pesquisa os elos educacionais que estão presentes na marujada de Tracuateua/PA. E dessa forma, foi possível levar para a academia toda essa organização social, cultural e educacional que move os participantes da marujada, tornando viva essa tradição.

Podemos dizer que a marujada de Tracuateua/PA é um espaço onde diversos saberes se fazem presentes e que desenvolve um processo de ensino e aprendizagem, sustentado por uma visão de educação que está para além da escola, os quais foram revelados e protagonizados pelas crianças nessa pesquisa.

Referências

AMORIN, **Um fogo que se deita no mar**: um estudo sobre a marujada do município de Quatipuru/PA. Tese de Doutorado . Universidade Federal da Bahia. 2008

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

BRANDÃO, Luis Carlos. **O que é Educação?** (Coleção Primeiros Passos – n 20). São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **O que é educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006

_____. **Educação como Cultura**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Nós, os humanos do mundo à vida, da vida à cultura**. – São Paulo: Cortez, 2015.

_____. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2008.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**: a máscara e a vertigem. 1ª edição, Editora: Cotovia, Lisboa: Portugal, 1967.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



CARVALHO, Nazaré Cristina. **Entre o rio e a Floresta**: um estudo do imaginário e da ludicidade de crianças ribeirinhas. 2006. 292f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

_____. **El Juego, Del Juego**. 2011. Disponível em: <http://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/203/176>. Acesso em: 20 de set. 2016.

_____. **Artimanhas do brincar de crianças ribeirinhas**. In: Sentidos da cultura/ Josebel Akel Fares, Venize Nazaré Ramos Rodrigues/(Orgs.) – Belém: EDUEPA, 2013.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que Andam Pés que Dançam**. Memória, identidade e religião cultural na esmolação e marujada de São Benedito. Coleção Saberes Amazônicos. Belém: EDUEPA. 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Ed. 13 Reimp. Rio de Janeiro. LTC, 2014. 323 p.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LOUREIRO, João de J. P. A questão cultural amazônica. In PARÁ, Secretaria Estadual de Educação. **Estudos e problemas amazônicos**: história social e econômica e temas especiais. Belém: Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará, 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação e Ludicidade. Salvador, UFBA/FACED, 2000.

MARTINS, José de Sousa. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2ª ed. revisada – São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2011.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



MOTA - NETO, João Colares. **A educação no cotidiano do terreiro: Saberes e práticas culturais do Tambor de Mina na Amazônia.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, 2008.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A entrevista na pesquisa educacional. In: MARCONDES, Maria Inês; Teixeira, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação.** Belém: EDUEPA, 2010. p. 37-54.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENEZES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010. (p. 31-83).

_____. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

SANTOS, Maria Roseli Sousa: **Saberes culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade:** por uma leitura das categorias teórica da/na pesquisa. Texto parcial da dissertação **ENTRE O RIO E AS ARTES: uma cartografia dos saberes artístico-culturais emergentes das histórias de vida de jovens e adultos na Ilha de Caratateua,** pesquisa desenvolvida no Curso de Mestrado em Educação no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará. Ano: 2003.

SILVA, Armando Bordallo da. **Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona Bragantina.** Belém, 2 ed. 1981. Coleção Victorino Chermont de Miranda. 93 p.

SILVA, Dedival Brandão. **Os Tambores da Esperança:** um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Falangola Editora. 1997.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes: 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Sobre as autoras:

Dilma Oliveira da Silva

Mestrado em Educação (Universidade do Estado do Pará).
Professora de Geografia da Escola Estadual Cel. Pinheiro Junior, na Secretaria de
educação do Pará. Coordenadora do Ensino fundamental II, na Secretaria Municipal de
Educação de Tracuateua/PA. E-mail: dilmasilva@ymail.com

Nazaré Cristina Carvalho

Doutora em Educação Física e Cultura- UGF/RJ
Professora do Departamento de Artes Corporais da Universidade do Estado do Pará-
UEPA e do Programa de Pós-Graduação em educação- PPGED.
Vinculada ao Núcleo de Culturas e Memórias Amazônica. E-Mail: n_cris@uol.com.br

Recebido em: 25/10/2017

Aceito para publicação em: 04/11/2017